

“VIAJAR É INVENTAR O FUTURO”: NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES DE UM IDEÁRIO EDUCACIONAL NA ESCRITA DE VIAGEM DE ANÍSIO TEIXEIRA (1925-1927)

Silmara de Fatima **Cardoso** – USP

Agência Financiadora: FAPESP

Considerações iniciais

O presente artigo tem por pretensão analisar as narrativas e representações de um modelo educacional considerado como ideal na escrita de viagem de Anísio Teixeira, e procurar compreender como Anísio se apropriou desse modelo educacional no seu percurso pela educação pública. Para tanto, utilizo como fonte de estudo dois diários e um relatório que foram produtos de suas viagens. Anísio Teixeira quando ocupava o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública da Bahia em 1925 obteve permissão do governador Francisco Marques de Góes Calmon para acompanhar D. Augusto nas comemorações do Ano Santo em Roma. Anísio aproveita sua viagem de peregrinação para conhecer instituições educativas europeias. A viagem ao Novo Mundo em 1927 é de caráter oficial. Anísio havia sido designado pelo governador da Bahia para ir aos Estados Unidos da América observar os métodos de ensino e as instituições de educação que poderiam vir a ser implantadas de um modo parecido no estado baiano.

Levando em conta o objetivo proposto, este texto será desenvolvido em quatro tópicos. Primeiramente procuro tratar das viagens de Anísio Teixeira. Em seguida a reflexão volta-se a sua produção escrita, os diários e o relatório. Logo então me proponho a analisar o ideário educacional defendido por Anísio Teixeira, ou seja, um modelo de educação considerado eficaz e capaz de reverter o atraso educacional brasileiro. E por final busco compreender de que forma Anísio se apropriou desse modelo de educação conhecido em terras estrangeiras.

O referencial teórico metodológico que serve de suporte a este trabalho encontra-se delimitado em um modelo de educação em perspectiva transnacional e se apoia nas viagens pedagógicas para analisar a difusão mundial desse modelo. Para tanto, três obras são referências: “Viagens Pedagógicas” (2007) organizada por Ana Chrystina Venancio Mignot e José Gonçalves Gondra, “Formas de Externalização no Conhecimento Educacional” (2001) de Jürgen Schriewer e “A difusão mundial da escola” (2000) de António Nóvoa e Jürgen Schriewer (Eds.).

A obra *Viagens pedagógicas* ajuda a compreender e a situar as viagens de Anísio Teixeira em um movimento mais amplo. Nos séculos XIX e XX os sujeitos envolvidos com as questões educacionais buscarem em países estrangeiros o que havia de mais avançado em termos de educação para serem aplicados em seus países de origem. A obra *Formas de Externalização no Conhecimento Educacional* por sua vez, nos ajuda a entender que os saberes e projetos educacionais referenciais apropriados por Anísio foram desmontados e depois incorporados no seu discurso acabando por configurar discursos híbridos (SCHRIEWER, 2001) sobre a educação. A obra *A Difusão Mundial da Escola* permiti-nos refletir que a busca por modelos educacionais em países estrangeiros seguiu em parte uma perspectiva de educação comparada. Anísio Teixeira entrou em contato com outras experiências mediando conhecimentos e saberes educacionais entre Brasil, Europa e Estados Unidos, seguindo assim, uma perspectiva de educação comparada.

A escolha da temática do presente trabalho se justifica na medida em que os estudos historiográficos têm voltado o seu interesse nas pesquisas sobre viagens e os escritos produzidos pelos viajantes, os quais contemplam discursos, representações e imagens da sociedade, da cultura, da educação, da religião, dos costumes, dos valores, ideias. A partir de comparações os sujeitos viajantes aproximam e distanciam diferentes realidades, adotam posturas e assumem posições.

Este trabalho pretende contribuir na reflexão de apropriações e possíveis leituras de um modelo de ensino estrangeiro na formação e atuação de Anísio Teixeira no seu percurso pela educação pública, e ainda, dar visibilidade às ações concretas e modos de compreendê-las próprio de Anísio desse modelo educativo considerado referencial.

Anísio Teixeira: um viajante brasileiro no além-mar

Anísio Teixeira foi um viajante que percorreu “mundos”, ele se deslocou a diferentes países por razões diversificadas. No entanto, foram às viagens de 1925 à Europa e aos Estados Unidos em 1927 que permitiram a Anísio Teixeira conhecer modelos pedagógicos e práticas educativas que poderiam servir de referência à educação brasileira, pois essas viagens tinham como propósito conhecer e estudar um modelo de educação considerado como inovador e moderno.

Nos últimos anos, diz Mignot e Gondra (2007), o intercâmbio crescente entre os historiadores da educação tem permitido observar que as viagens foram realizadas por educadores do Brasil, da Espanha, de Portugal, da França, Alemanha, Suíça, Bélgica,

Japão e de muitos outros países. Os sujeitos se deslocaram a lugares próximos ou distantes com a mesma finalidade, aprender com o “outro”. É dessa forma que nos séculos XIX e XX, inspetores de ensino, diretores, professores e mesmo os engenheiros, médicos e políticos envolvidos com projetos educacionais foram em busca dos “códigos da civilização”. De uma viagem, esses sujeitos voltavam mais sábios e experientes ampliando o seu universo cultural, intelectual e educacional.

A circulação de ideias sobre os saberes educacionais seguiu as relações de poder entre espaços referidos como modelares e outros como atrasados. Alguns países eram tomados como exemplos, outros não. O que Schriewer (2001) reconhece como a constituição das sociedades de referência. A lógica da expansão da escola moderna pelo mundo classificou os países ora como exemplos de modernidade a serem seguidos, ora como grupos a quem coube aprender como organizar os seus sistemas de ensino a partir das lições oferecidas pelos países mais desenvolvidos.

Conhecer de perto a realidade de lugares considerados como referências em matéria de difusão, métodos e organização do ensino, poderia significar a apropriação de experiências e instrumentos para o enfrentamento das dificuldades que os educadores encontravam para realizar nos seus países de origem uma reforma educacional. A busca por modelos mais desenvolvidos de educação parecia assegurar um grau de legitimidade respeitável ao país que os implantavam, gerando condições de igualdade educacional. Foi nessa lógica que Anísio Teixeira procurando reverter o atraso do ensino público brasileiro buscou em países estrangeiros um modelo de educação considerado referencial.

Anísio partiu a países estrangeiros com a intenção de observar, analisar, divulgar, comparar, propor e prescrever. Não apenas leu ou ouviu, mas teve o privilégio de ver o “real”. Atuando como mediador cultural (SHIRIWER, 2001) pode ocupar as cátedras universitárias, as páginas dos jornais, das revistas, todos esses espaços privilegiados para a formação de opinião e para a elaboração de projetos visando à renovação cultural e educacional do seu país. Ele ainda assumiu importantes cargos na área político-educacional: 1931 – Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal; 1935 – Reitor da Universidade do Distrito Federal; 1946 – Consultor de Educação da UNESCO; 1947 – Secretário de Educação da Bahia; 1951 – Secretário Geral da Companhia de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior – CAPES; 1952 – Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP; 1963 – Reitor da Universidade de Brasília (UNB), com o golpe de 64, foi afastado do cargo, indo para os Estados Unidos, lecionar nas universidades de Columbia e da Califórnia, voltou ao Brasil em 1965 e no ano

seguinte, tornou-se consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em 11 de março de 1971, morre de modo misterioso, seu corpo foi encontrado no poço do elevador de um edifício no começo da Avenida Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Diários e relatório de viagem: razões e sentidos de produção de uma escrita

Anísio foi um viajante que se valeu da escrita para registrar os acontecimentos de suas viagens. Ele produziu dois diários e um relatório de observações escolares. O diário produzido em viagem à Europa em 1925 contém 56 folhas em papel timbrado *Nordentscher Lloyd Bremen Na Bord des D. Sierra Morena e S.S Gelria*. O diário produzido em viagem aos Estados Unidos em 1927 contém 52 folhas em papel timbrado *Munson Steamship Lines*. Essa documentação está localizada no seu arquivo pessoal sob a guarda do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro) e é classificada como “Anotações de viagem”. Alguns autores como Nunes (2000), Mignot e Gondra (2006) e Carvalho (2003) classificam como “diário de viagem” ou “diário de bordo”.

A escrita dos diários é fragmentada e descontínua; os assuntos, necessariamente, não estão interligados. A escrita foi produzida em folhas avulsas/soltas, apresentando marcas da oralidade – rasuras, abreviações, elementos metafóricos e subjetivos, condições de uma escrita mais informal. Isso se justifica pelo fato de ser o escritor, primeiramente, o seu único leitor. Uma característica que nos chama atenção nessa escrita é que alguns assuntos são abordados na forma de ensaio. Anísio defende ou nega determinada posição, sem, contudo, apoiar-se na pesquisa empírica ou bibliográfica. Os temas tratados são variados: as cidades europeias, a humanidade, o homem moderno, a guerra, os sujeitos americanos, regimes políticos, democracia, educação, religião católica, os livros *My Life and Work* de Henry For e *Os exercícios espirituais* de Inácio de Loyola.

O ensaio consiste na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema (educacional, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, literário). Apesar de ser uma escrita mais livre, não dispensa o rigor lógico e coerência de argumentação, e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual. Além dos temas desenvolvidos em forma de ensaio, o viajante tratou nos seus diários dos propósitos e experiências de suas viagens. Ele escreveu ainda para desabafar, extravasar seus sentimentos, amenizar suas saudades, suas angústias, sua solidão, anotar impressões, expectativas, mostrar pensamentos, expressar emoções, organizar ideias, elaborar diferenças, expor dúvidas, fazer comparações, reflexões e questionamentos.

Já o relatório que foi um produto da viagem aos Estados Unidos, produz uma compreensão, conta uma história ficcional, científica, pedagógica. É um objeto de circulação de ideias, representações, divulgação, instauração de determinado padrão de escola, de ensino, de professor e de aluno. Veicula discursos, principalmente o pedagógico, que institucionalizado e racional tem como função transmitir informações e legitimar uma verdade. É um discurso competente, pois segundo Marilena Chauí (1982) pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro e autorizado.

Esse documento foi resultado de uma pesquisa, de um trabalho de observação, por isso a escrita é mais objetiva. Foi produzido com uma intencionalidade e para ser publicizado. Anísio pretendia compartilhar experiências, valorizar, afirmar, projetar, difundir iniciativas de um modelo educativo e fortalecer o movimento escolanovista. Ele apresenta transformações educacionais e uma nova cultura escolar compartilhada mundialmente. Traz à tona – mesmo que seja do seu ponto de vista – características dos espaços escolares, métodos educativos, programas escolares, formas de ser dos professores e alunos valorizados naquele momento.

Publicado pela tipografia São Francisco da Bahia/Salvador sob o título geral de “Aspectos Americanos de Educação”, o relatório teve duas edições no ano 1928. Contém 166 páginas, possui capa, contracapa, páginas, índice, notas, capítulos e imagens referentes aos aspectos físicos das escolas americanas, os sujeitos em situações de aprendizagens, objetos didáticos construídos pelos alunos e situações do dia a dia escolar. Essas imagens vêm com legendas explicativas visando reforçar as ideias contidas no texto, ou seja, um modelo de educação ideal. Está dividido em duas partes. A primeira parte traz o título “Fundamentos de Educação” e apresenta quatro capítulos: I – *Sentido actual de Educação*, II – *Educação e Democracia*, III – *Do Methodo em Educação*, IV – *A Reconstrucção do Curriculum Escolar*. Na segunda parte sob o título Aspectos “Americanos de Educação” Anísio trata especificamente das instituições e órgãos de educacionais visitados mostrando-se mais analítico. A narrativa apresentada se organiza de modo a tornar visíveis as condições intelectuais e materiais do sucesso das escolas norte-americanas.

Inicialmente, esse relatório não tinha fins comerciais, ele foi distribuído gratuitamente pela Diretoria de Instrução Pública da Bahia às Escolas Normais e bibliotecas no intuito de apresentar o sistema de ensino norte-americano e as ideias de educação e democracia do filósofo Dewey. Dessa forma, entendemos que a sua publicação tinha uma intencionalidade, produzido para um tipo de leitor específico, os professores e alunos da Escola Normal. Possivelmente, a intenção do diretor da instrução pública, Anísio

Teixeira, era que os mestres e futuros mestres baianos entrassem em contato com as técnicas, os métodos e uma organização educacional considerada ideal, e, apropriando-se desse novo modelo, virem a praticá-lo de um modo parecido nas escolas da Bahia.

Narrativas e representações de um ideário educacional na escrita de viagem

Os conceitos sobre educação de Anísio Teixeira serão reformulados em suas viagens à Europa e aos Estados Unidos. Quando partiu ao Velho Mundo em 1925, o seu pensamento pedagógico refletia ainda a marca do aristocratismo haurido da sua formação intelectual jesuítica para o qual buscava, no sistema francês típico do dualismo classista, o ensino primário independente e isolado do secundário (NUNES, 2000).

Na Europa Anísio visita algumas instituições educativas francesas e belgas¹. Como Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia e um viajante ávido por aprender, renovar seu conhecimento no campo que atuava, procura conhecer a educação estrangeira. Descreve a visita e trata dos programas, currículos, disciplinas, método e organização das escolas, porém, sem muito entusiasmo e surpresa. Não havia nesse momento, uma preocupação por parte de Anísio entre a prática pedagógica observada e a existência de uma concepção nova de modelo educacional que estava a se impor. Isso acontecerá somente por ocasião de sua visita aos sistemas educacionais norte-americanos em 1927.

É possível observar uma ambiguidade ou oscilação no pensamento educacional de Anísio quando em viagem aos Estados Unidos. Ele escreve no seu diário produzido a bordo, que considerava “um absurdo as famílias pobres não poderem no Brasil, oferecer uma educação católica aos seus filhos. E isto é uma questão séria e incontestável”². No entanto, não vai deixar de defender uma educação laica, republicana, e espera firmemente conhecê-la na prática no país considerado o modelo “ideal” de República. Segundo ele, “os moldes do seu pensamento sobre educação se moldaram na Europa. No entanto, hoje se aproximam vivamente dos americanos”³.

Anísio e outros intelectuais de seu tempo acreditavam que a educação americana se apresentava como uma experiência inédita, surgida em contraposição ao

¹ No arquivo pessoal de Anísio encontram-se algumas cartas de recomendações que o autorizava a realizar as visitas. Por meio dos seus timbres é possível compreendermos quais tipos de escolas foram visitadas: “Prefecture de la Seine. Directeur de L’Enseignement Primaire”; “École Municipale des Arts Appliqués a L’industrie” e “Gabinete du Ministre de L’Instruction Publique et des Beaux Arts”. Sobre essas visitas Anísio produziu anotações das aulas observadas, metodologia, objetos didáticos, etc. que se encontram no seu arquivo, CPDOC, AT: pi 1924/270000.

² TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

³ TEIXEIRA, Anísio. *Anotações de viagem aos Estados Unidos*. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

velho continente europeu, em que os fins da educação tiveram sempre alvos marcados e rígidos. A educação americana, de acordo com Venancio Filho (1946), ao invés de ser tradicional, empírica e autocrática como era a europeia, pelas origens de sua formação histórica tornou-se experimental e democrática, não se estabelecendo diferenças entre uma cultura e educação para o povo e outra para a elite, havendo apenas diferença de intensidade ou extensão, além de que, apresentava-se cientificamente planejada.

Os quatro meses nos Estados Unidos mudaram a maneira de pensar de Anísio, pois ao regressar ao Brasil irá defender uma educação pública, gratuita e laica para todos. Não tinha porque a Igreja Católica administrar o ensino, isso era uma questão que somente cabia ao Estado. Depois de suas visitas às instituições educativas norte-americanas.

No seu relatório de observação das instituições educativas norte-americanas, Anísio apresenta sempre um discurso educacional positivo. As palavras-chave do mesmo são democracia, renovação, mudança, modernidade, eficiência, inovação, criatividade, socialização, técnica, industrialização. Observamos assim, uma retórica da perfeição. Segundo Anísio a vida americana é “essencialmente dinamycas, não de um dinamismo verbal tão a gosto de certa retórica modernista, mas de um dinamismo consciente e voluntario, produzido por uma força visível e formidável – a industria”⁴.

Esse pensamento de Anísio Teixeira reflete o ideário liberal, que nas décadas de 1910 e 1920 entendiam o sentido educativo como representação, justiça, cientificidade e técnica. Assim, pela via da educação teria sido buscada a consolidação dos ideais da democracia representativa e da industrialização (NAGLE, 1976). Dessa forma, o relatório apresenta um modelo educacional, que estava se desenvolvendo por meio da democracia, da técnica e da ciência. A América do Norte, nessa representação é convertida em ícone da modernidade pedagógica pela gratuidade, obrigatoriedade, secularização e higienização do ensino; palco de realizações espetaculares na área da educação, signo do progresso.

No seu relatório Anísio descreve as características físicas, a organização escolar/ensino, os programas/currículos e os métodos de ensino/metodologia das instituições educativas americanas. O ambiente físico educacional é apresentado por vastos edifícios, instalações adequadas, oficinas para trabalhos (manuais, agrícola, mecânica e elétrica), ginásio amplo, banheiros com as devidas instalações sanitárias, oficinas de cozinha e costura, refeitório amplo e acomodativo, salas de aulas amplas, gabinetes de química e física, laboratórios de ciências e história natural, bibliotecas em excelentes

⁴ TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos Americanos de Educação*, 1928, p. 54.

condições de uso. Os programas dos cursos são flexíveis, permitindo uma adaptação às diferentes exigências e necessidades. Os métodos de ensino envolveram de simples memorização de livros à participação ativa dos alunos. O professor procura despertar uma livre e independente atividade com as crianças. Problemas e fontes de informações são oferecidos aos alunos, que buscam resolvê-los pensando por si mesmo, outras vezes grupos trabalham em conjunto para solucionarem problemas mais complexos.

Esse novo projeto de educação exigia uma formação adequada e diferenciada para os professores. Se a escola se transformava, era necessário também transformar o professor, “produzir-lhe” uma nova identidade (MARTIN LAWN, 2000, p. 70). O antigo professor sem formação qualificada não condizia com a realidade de uma sociedade desenvolvida por meio da técnica, da ciência. Além da formação exigida do professor, era preciso uma mudança na sua postura. Ele não deveria tomar as decisões da vida escolar, entregar tudo pronto aos alunos, mas auxiliá-los, pois estes são os maiores responsáveis pelo seu processo de ensino-aprendizagem. Um projeto educacional diferenciado volta-se para o sujeito, entendendo que ele precisa ser independente e pensar por si mesmo.

Das suas visitas às escolas americanas, Anísio entrou em contato com um modelo educacional considerado diferente do europeu e brasileiro. Conheceu escolas de diversificadas modalidades educativas. Isso permitiu ao viajante o artifício da comparação. A busca por modelos educacionais em países estrangeiros seguiu em parte uma perspectiva de educação comparada. Conforme Nóvoa (2000) a comparação se dava na maioria das vezes de forma dicotômica: cultura inferior e superior, países civilizados e não civilizados, educação modelar e não modelar, sociedade desenvolvida e não desenvolvida, etc.

Anísio considerava a educação europeia e a brasileira como arcaicas e atrasadas e a americana como moderna e referencial. A sua narrativa opera no sentido de selecionar os modelos educacionais a imitar ou recusar, posto que pertencia, de acordo com Nóvoa (2000) a uma determinada tradição da produção histórica em educação comparada, ancorada no paradigma do Estado Nacional como matriz, no qual os ditos países civilizados apareciam como uma espécie de espelho dos contrários, onde se refletiam imagens híbridas, complexas e ambíguas dos países ditos não civilizados.

O modelo educacional norte-americano para Anísio era o melhor. Havia um plano nacional, estadual e municipal de educação. As instalações, os espaços, as condições higiênicas dos prédios escolares eram excelentes. Assim, os quesitos materiais e organizativos eram critérios que deixavam o modelo de educação americano à frente do europeu e brasileiro. O que também chama atenção nas escolas americanas é as suas

características arquitetônicas: espaços amplos, abertos, seus belos jardins, *hall* de entrada, salas de aulas ventiladas, espaçosas, prédios econômicos e práticos, diferentes do aspecto monumental dos prédios escolares europeus e alguns brasileiros. Para Anísio o modelo a seguir seria o americano por dispor de uma ampla, adequada, eficiente e moderna rede de escolas, e isso constituía uma das condições principais para que a renovação educacional na Europa e no Brasil fosse possível.

A institucionalização da educação de massas nos Estados Unidos rompe definitivamente com o modelo de educação clássica, voltado somente à elite, com um currículo exclusivamente humanista. O objetivo da educação americana era formar um sujeito voltado para o trabalho e a indústria, especializado e não mais o homem de letras. O novo padrão de escola estava relacionado a estas ideias. Era proclamada então uma educação que associasse pensamento e prática. Essa escola diferenciada, segundo Buendía (2000), surgiu como um imperativo sociopolítico e econômico, decorrentes das grandes transformações ocorridas nos sistemas produtivos, na organização e gestão políticas do mundo ocidental. Esse modelo escolar é aclamado como instituição referencial, modelar e especializada para atender novas demandas provocadas pelas mudanças sociais.

Nascido e consolidado no mundo europeu, o novo padrão escolar “adquiriu “características universais” e se impôs como fator decisivo das regulações culturais e econômicas presentes na cena internacional” (HOUSSAYE, 2007, p. 302). Atravessou fronteiras na criação, expansão e consolidação dos sistemas públicos de ensino, num processo de difusão mundial e de uma *cultura escolar* histórica e socialmente construída (DOMINIQUE JULIA, 2001). Dessa forma, o discurso pedagógico veiculado no relatório de Anísio caracteriza-se pela valorização desse novo paradigma – de uma nova pedagogia, de um modelo escolar diferenciado, de professores e alunos.

Elementos da educação estrangeira em Anísio Teixeira

Anísio não somente conheceu por leituras ou por narrativas de outras pessoas, que haviam viajado a países estrangeiros, outro modelo de educação; ele teve a oportunidade de presenciar outras experiências educacionais, especialmente a norte-americana. Isso lhe permitiu contar ou provar o visto, ouvido e o vivido (VIÑAO, 2000), concedendo-lhe um lugar de destaque no campo educacional. Ele presenciara na América um modelo de educação, que para a época era considerado referencial e modelar.

Silva (2005) observa que a transmissão de ideias abriu a possibilidade da invenção e da renovação porque, ao serem comunicados, os saberes dispersaram-se, multiplicaram-se, confundiram-se, numa pluralidade infinita de sentidos. Dessa forma, a troca das informações não foi um movimento de colheita, cópia e sim de transporte, de comunicação. Os conhecimentos educacionais estrangeiros foram traduzidos nas mais diversas partes do mundo. Eles serviram mais como inspiração do que propriamente cópia. Em cada lugar e contexto tiveram a sua própria forma de recepção e ressignificação.

Para Schriewer (2001), no interior de cada país, a análise dos desenvolvimentos educacionais estrangeiros é entendida como um componente indispensável de discussão da política educativa, e, ainda, os critérios de seleção e as linhas de abordagem analítica acordam-se com as questões sociais e culturais. As descrições da alteridade cultural levada a cabo nesta perspectiva são convertidas em formas de processar e apropriar comunicativamente modelos, de acordo com as necessidades de legitimação e de tomada de decisão de cada país. Os saberes e projetos educacionais referenciais foram apropriados pelos educadores, desmontados e depois incorporados nos seus discursos e ações de acordo com as intenções e as estratégias particulares de cada local, acabando por configurar discursos híbridos sobre a escola, modelos e práticas educativas.

Anísio Teixeira não se apropriou na íntegra de um modelo educacional estrangeiro, mas sim se apropriou daquilo que era funcional e pragmático nesse modelo. Ele se aproveitou de elementos nos quais acreditava poder ajudar a desenvolver ou melhorar a educação brasileira. Compreendemos que nunca se transfere um modelo, mas sim alguns de seus elementos.

Os limites que nos impõem este texto explicitaremos para título de exemplo uma experiência educativa – evidentemente que há muitas outras – que foi densamente comentada por Anísio Teixeira no seu relatório de viagem e colocada em prática – todavia apresentando diferenças na forma de apropriação – no projeto educacional desenvolvido na sua gestão do ensino no Rio de Janeiro (1931-1935) e na Bahia (1947-1951). São as experiências das escolas experimentais do tipo *Platoon*.

Inspirado na escola norte-americana em Detroit, cujo sistema era o *Platoon*, com algumas semelhanças e diferenças, Anísio realizou em escolas do Rio de Janeiro e da Bahia uma experiência semelhante. Esse modelo escolar valorizava a arborização, a salubridade, a higiene, a economia, a ventilação, espaços diferenciados de salas de aula, não existindo a forma tradicional das carteiras, oferecendo aos alunos uma maior liberdade de movimento para realizar as tarefas em grupo ou individualmente. Abrangia um tipo de

currículo baseado em aspectos interdisciplinares que envolvia o estudo de línguas, ciências, música, teatro, literatura, artes, etc e realizações de atividades de lazer e físicas. Anísio Teixeira descreve essa proposta educativa em seu relatório de observação das instituições educacionais norte-americanas:

O systema *Platoon* se destina a satisfazer esses actuaes requerimento da escola moderna: – adoptando uma forma moderna e mais flexível de organização da escola elementar e construindo edificios que sejam especialmente adaptados aos fins dessa nova organização. O dia escolar é de seis horas, em duas sessões de tres horas: das 8 hs., 30 da manhã à 11 hs., 30 da manhã, e das 12 hs., 30 às 3 hs., 30 da tarde. Os alumnos são divididos em grupos ou “*platoons*”. O curriculo é dividido em: 1) Materias fundamentaes, isto é, leitura, escripta orthographia, arithmetica e língua, 2) matérias especiaes: arte, musica, desenho, trabalho manual, sciencia, etc. Emquanto um grupo está estudando as materias fundamentaes (home-room-subjects), ao outro está sendo ministrado o ensino das matérias especiaes (special subjects). De sorte que metade dos alumnos se acha nas salas communs de aula (home-rooms), ao mesmo tempo em que a outra metade se acha nas salas especiaes. O dia escolar é dividido em quatro periodos de 90 minutos para o ensino das matérias fundamentaes e 12 periodos de 30 minutos para das matérias especiaes. O numero de salas depende do numero de classes ou de alumnos. Si, por exemplo, a escola tem 24 classes, isto é, 960 alumnos, ella deve ter dous *platoons*, de 480 alumnos cada um. Isto requer 12 salas ordinárias de aula (home-rooms) para o primeiro grupo de 480 alumnos; e a distribuição dos restantes 480, em salas especiaes, pelas seguintes actividades: auditorio, gymnasio, musica, arte, litteratura, bibliotheca, sciencia, geographia, recreio e artes manuaes⁵.

É possível dizer que as escolas do tipo *Platoon* brasileiras adquiriram formas próprias de ressignificação, elaboração e complexidade como a carga horária, o currículo, um cuidado integral dos alunos, desde a sua higiene, alimentação e saúde como a sua preparação para a cidadania. Nas escolas do tipo *Platoon* americanas, o horário escolar era de cinco a seis horas e não havia um cuidado tão intenso com os alunos. A alimentação, apesar de ser um preço mais baixo, era paga pelos alunos, os cuidados com a saúde, era responsabilidade da família. Nas escolas do tipo *Platoons* brasileiras o horário escolar era de sete a oito horas e havia muito mais atividades intelectuais, de lazer, exercícios, desenvolvidos pelos professores e alunos. E ainda, havia regime de semi-internato e internato. Aqui no Brasil esse tipo de escola foi construído especialmente a crianças e adolescentes de classes baixas, excluídos, pertencentes a famílias que viviam a margem social, assim, era preciso oferecer “tudo” a quem não tinha “nada”.

⁵ Teixeira, Anísio. *Aspectos americanos de educação*, 1928, p. 151-152.

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro – mais conhecido como Escola Parque, fundada em 1950 em Salvador por Anísio Teixeira, foi baseado em um modelo de escola *Platoon*. Construído em três amplas áreas arborizadas no bairro popular da Liberdade. Ali se instalara uma grande “invasão”, denominação baiana da favela carioca, consolidada pela desapropriação da terra, asseguradas desse modo, aos invasores condições para construir suas casas e barracos (Hermes Lima, 1978). O Centro dividia a escola primária em dois setores: Escolas-Classes, envolvendo o ensino de letras e ciências e Escola-Parque, abrangendo uma multiplicidade de práticas educativas – no setor de trabalho: artes aplicadas, industriais e plásticas; no setor recreativo ou de educação física: jogos, recreação e ginástica; no setor artístico: teatro, música e dança; no setor de extensão cultural ou biblioteca: leitura, estudo e pesquisa; no setor socializante: grêmio, jornal, rádio-escola, banco e loja. O regime escolar caracterizava-se como semi-internato. Quando abandonada de pai e mãe, a criança receberia o regime de internato.

As escolas experimentais no Rio de Janeiro também seguiram essa lógica. Anísio Teixeira denominou-as de escolas-laboratório, avaliadoras de métodos e técnicas. Essa experiência foi bem marcante na escola Argentina. Sobre essa escola, Chaves (2000) diz que a mesma se tornou um modelo de escola experimental. Estabeleceu uma educação integral, que somando-se ao sistema administrativo e ao projeto arquitetônico do tipo *Platoon*, promoveu a ampliação do tempo de duração das aulas. A introdução de novas disciplinas na grade curricular reestruturou a ocupação e circulação dos alunos no espaço da escola, de acordo com o plano de atividades dirigido (salas de aulas, salas ambientes, jornal-escolar, clubes literários, cooperativa, oficina agrícola, teatro, biblioteca, etc.).

Em estilo neocolonial, situada no bairro do Engenho Novo, a Escola Argentina muda para um prédio moderno situado no bairro de Vila Isabel, construído em consonância com o sistema *Platoon*. Segundo Chaves Isto permitiu o ensino tornar-se mais dinâmico e participativo, ao mesmo tempo em que abriu novas vagas possibilitadas pelo aumento do número de salas construídas e pelo uso racional do espaço escolar.

O percurso das escolas experimentais, conforme Xavier (2007), não foi longo, pois a continuidade desse projeto necessitava da permanência de uma política que o apoiasse ou, na pior das hipóteses, não o considerasse negativamente, como focos de divergência do padrão oficial de organização escolar. Após a demissão de Anísio da Secretaria Geral de Educação e Cultura, foram extintas as Escolas Experimentais. Contudo, a perspectiva experimentalista seria retomada nas décadas de 1950-60, em nível nacional, com a nomeação de Anísio para a direção do Inep.

Na capital carioca foram implantadas escolas tipo *Platoon* com 12, 16 e 25 salas de aula. A cada sala correspondiam 40 alunos no turno da manhã das 08:30 às 11:30 e o mesmo número no turno da tarde das 12:30 às 15:30. Seriam dois "pelotões" que se revezavam, tendo cada qual, no respectivo turno oposto, atividades em salas especiais. Esse tipo de escola é apontado por Anísio Teixeira como solução para a educação primária no seu livro "Educação não é Privilégio". Além de integral, pública, laica e obrigatória, ela deveria ser municipalizada, para atender aos interesses de cada comunidade.

Considerações Finais

Uma viagem é experiência positiva, uma vez que habilita os sujeitos a fazer comparações baseados na multiplicidade e na diversidade das informações adquiridas, pois o viajante sempre compara o inédito com aquilo que já conhece. Assim, foi possível a Anísio nas suas observações e estudo em outros países, comparar modelos educacionais e procurar pôr em prática aquele considerado o mais eficiente. Da viagem realizada ao Novo Mundo voltou não só com uma boa dose de encantamento, mas também com projetos de pôr em prática no Brasil um modelo de educação "ideal". Longe de uma assimilação acrítica de ideias sem lugar na realidade educativa, Anísio serviu-se desse referencial estrangeiro para realizar uma grande reforma da instrução pública, especialmente no Rio de Janeiro do período de 1931 a 1935. Essas ideias consideradas inovadoras e modernas atravessaram o Atlântico e encontraram um novo caminho na experiência brasileira.

A partir de seus estudos e conhecimentos *in loco* de uma experiência educacional estrangeira foi possível a Anísio colaborar para estruturar a educação de seu país. Ele se valeu desse modelo promovendo alguns dos seus pressupostos, eliminando ou omitindo outros. Procurou repensá-lo em função de uma nova experiência. Para Anísio tudo deveria ser revisto e aprimorado, pois nada era perfeito e definitivo. Assim, ele não foi um mero copiator de ideias e teorias, mas, apropriando-se delas foi possível por em prática um projeto educativo levando em conta a realidade educacional, social e política brasileira.

Não se tratou de uma pura e simples transposição daquilo que Anísio apreendeu em suas observações e estudos. Ele era por demais sensível e criativo para deixar de perceber que as tentativas de cópia são sempre desastrosas. Assim, à luz da experiência americana de educação, Anísio pode adaptá-la à realidade educacional de seu

país. Sempre em vista às questões políticas, sociais e culturais; o seu trabalho resultou em uma maneira de utilizar, apropriar e reconfigurar sistemas desejados de escolarização.

Como intelectual, educador, escritor, administrador ou gestor ele pôs em prática uma série de iniciativas no intuito de apresentar, fazer circular e estabelecer os princípios da Escola Nova, base da pedagogia conhecida nas escolas americanas. Uma dessas primeiras iniciativas foi a publicação do seu relatório das visitas às instituições educativas norte-americanas. Para Carvalho (2007, p. 278) “relatar a viagem e dar publicidade ao relato são práticas indissociáveis na realização de objetivos comuns: propagar ideias, promover aproximações, difundir iniciativas”.

Fontes

TEIXEIRA, Anísio. **Anotações de viagem à Europa**. Lisboa, 1925, 54 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

TEIXEIRA, Anísio. **Anotações de viagem aos Estados Unidos**. Navio Pan American, 1927, 50 p. Atpi: 25.07.17 (filme 03). FGV/CPDOC.

TEIXEIRA, Anísio. **Aspectos americanos de educação**. Salvador: Tip. São Francisco, 1928.

Referência Bibliográfica

BUENDÍA, Miguel. Modelos de escola na história de Moçambique. In: NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 151-155.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 277-293.

_____. Anísio Teixeira: itinerários. In: **A Escola e a República e Outros Ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 165-193.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1982.

HERMES LIMA. **Anísio Teixeira: estadista da educação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HOUSSAYE, Jean. Pedagogias: importação-exportação. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José Gonçalves (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 294-314.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Nº 1, jan./jun., 2001, p. 9-43.

LAWN, Martin. Os professores e a fabricação de identidades. In: NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 69-84.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e GONDRA. **Viagens pedagógicas** (orgs). São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. In: **Viagens Pedagógicas**. MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio e GONDRA, José (orgs). São Paulo: Cortez, 2007, p. 39-64.

_____. A descoberta da América. In: NUNES, Clarice (org.) **Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 9-24.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NÓVOA, António. Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. In: NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000. p. 121-142.

_____ e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, 2000.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

_____. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. In: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone e NUNES, Clarice. **Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ – 1870/1973**. 10^a ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 155-224.

SCHRIEWER, Jürgen. **Formas de Externalização no Conhecimento Educacional**. Lisboa: EDUCA, 2001.

SILVA, Vivian Batista. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

VENANCIO FILHO, Francisco. Contribuição norte-americana à educação no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, V. IX, nº 25, nov./dez., 1946, p. 229-266.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. **Revista Teias**, UERJ, Rio de Janeiro, volume 1, 2000, p. 82- 95.

XAVIER, Libânia Nacif. A Reforma do Ensino no Distrito Federal (1930-1935): Experimentalismo e Liberalismo em Anísio Teixeira. **Cadernos de História da Educação**, nº 6, jan./dez. de 2007.